



A CATEDRAL LINGUÍSTICA DA TEOLOGIA: “NO PRINCÍPIO ERA O VERBO”, DE VERN POYTHRESS

Rachel Van de Burgt¹

POYTHRESS. Vern Sheridan. *In the Beginning was the Word Language: a God-Centered Approach*. Wheaton, Illinois: Crossway Books. 2019. 415 p.

No princípio era o Verbo: uma abordagem centrada em Deus, escrita originalmente em língua inglesa sob o título *In the Beginning was the Word: Language: a God-Centered Approach*, por Vern Poythress, é uma obra-prima que combina a imaginação redimida de um linguista perspicaz com o profundo conhecimento teológico de um ministro da Palavra. A vida de Vern Poythress reflete a epistemologia e a metodologia de suas obras: ele estudou matemática, teologia e linguística, além de ter publicado várias obras nas áreas de ciências, hermenêutica, dispensacionalismo, método teológico, tradução bíblica neutra em termos de gênero e discussão sobre a lei mosaica.

Dr. Poythress obteve bacharelado em matemática pelo Instituto de Tecnologia da Califórnia (1966) e doutorado em matemática pela Universidade de Harvard (1970). Tornou-se aluno do Seminário Teológico de Westminster, onde obteve o mestrado em Divindade (1974) e o mestrado em Teologia, com especialização em apologética (1974). Recebeu ainda o mestrado em Letras (M.Litt.) em Novo Testamento pela Universidade de Cambridge (1977) e o doutorado em Teologia (Th.D.) em Novo Testamento pela Universidade de Stellenbosch, África do Sul (1981). Além disso, o Dr. Poythress estudou linguística e tradução bíblica no Instituto de Linguística de Verão, em Norman, Oklahoma, em

¹ Professora de Pedagogia Redentiva da FITRef. Coordenadora do Departamento de Educação da FITRef. Professora da Pós-Graduação em Educação Clássica Cristã da Faculdade Internacional Cidade Viva.

1971 e 1972, e lecionou linguística no mesmo instituto nos verões de 1974, 1975 e 1977. Publicou livros sobre filosofia cristã da ciência, método teológico, dispensacionalismo, lei bíblica, hermenêutica, tradução bíblica e Apocalipse. Estes dados biográficos são necessários porque servem como um mapa para compreendermos a trajetória acadêmica do autor, bem como suas escolhas metodológicas na elaboração de seus textos.

A estruturação da obra de Vern Poythress assemelha-se à teologia sistemática de Louis Berkhof ou mesmo à espiral do conhecimento teológico: uma catedral estrutural centrada em Deus. Lembramos também da fundamentação das *Institutas*, de João Calvino, primeiramente por iniciar com a discussão sobre o conhecimento do homem, baseado na sabedoria integral que está, antes de tudo, no conhecimento de Deus. Esta é a espinha dorsal de seus trabalhos apologéticos, em várias disciplinas e em diversas áreas do conhecimento. O estudo da obra *No princípio era o Verbo: uma abordagem centrada em Deus* é uma reflexão necessária, que apenas o homem redimido pelo sangue do Cordeiro e nascido pelo Espírito pode compreender em sua totalidade. Assim como afirma Calvino: “A soma total da nossa sabedoria, a que merece o nome de sabedoria verdadeira e certa, abrange estas duas partes: o conhecimento que se pode ter de Deus e o de nós mesmos”.²

A linguagem, para Vern Poythress, é fruto da graça de Deus e, ao mesmo tempo, um dom divino. Ele inicia o primeiro capítulo da obra discutida — “A Importância da Linguagem” — com a seguinte afirmação: “A linguagem é maravilhosa e misteriosa. Isso porque é um dom de Deus para nós. Ela o reflete e o revela. Como a linguagem reflete Deus? De acordo com a Bíblia, o próprio Deus pode falar, e fala”. Os argumentos sobre a linguagem são fundamentados no ser de Deus e nas obras da criação e da revelação. A linguagem é apresentada como um espelho da comunicação da Trindade. Do capítulo 1 ao capítulo 8, o autor explora o conhecimento de Deus na linguagem, pela linguagem e para a glória de Deus, por meio dos seguintes temas: o envolvimento de Deus com a linguagem, a linguagem e a Trindade, a criação do homem por Deus, Deus sustentando a linguagem, criatividade na linguagem, bem como a exploração de exemplos e das regras da linguagem. Os primeiros capítulos apresentam um conhecimento teológico reformado refletido por meio de conceitos redefinidos à luz da linguagem.

Podemos observar, do capítulo 9 ao capítulo 13, uma discussão do autor sobre a linguagem no campo da história e da teologia. Segundo o autor: “Esta história é governada pela Palavra de Deus, pela sua linguagem: ‘Ele [Cristo] sustenta o universo pela Palavra do seu poder’ (Hb 1.3). Mas a história é mais

² CALVINO. João. *As Institutas*: edição especial para estudo e pesquisa. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

ampla do que qualquer descrição humana”. O argumento do autor é que a linguagem humana tem significado dentro do contexto maior da história, que somente Deus domina plenamente. Esta posição do autor é relevante porque prova que toda linguagem precisa ser contextualizada, e a história é o meio primário criado por Deus para revelar a sua vontade à humanidade; não podemos, desta forma, isolar a linguagem da história. A imaginação, segundo o autor, é vista como dom de Deus, no capítulo 12: “Já dissemos que a capacidade humana de se distanciar e analisar imita a transcendência de Deus. Podemos expressar esse tema por meio de imagens”. Nesse sentido, podemos ver a grande contribuição do Dr. Poythress para o campo do imaginário, quando este aponta para uma imaginação redimida que, por sua vez, remete a um Deus transcendente.

No capítulo 24, o autor discute a contação de histórias: a história oferece uma visão da vida humana, isto é, da vida da ação pessoal. Nesse sentido, oferece uma forma de transcendência. “Contar histórias é para seres humanos feitos à imagem de Deus”. O autor foi muito bem-sucedido na exploração da transcendência de Deus no campo do imaginário e da concepção de *Imago Dei* aplicada ao campo da contação de histórias. Isto nos ajuda a compreender nossa necessidade intrínseca de entender a história da humanidade por meio de narrativas, a fim de apreender a complexidade dos pensamentos e ações do homem. A Bíblia conta várias histórias; estas são narrativas que apontam para a História maior da redenção do homem por meio do nosso Salvador Jesus Cristo.

O autor defende seu ponto de vista quando afirma: “Podemos dar um passo para trás e olhar para nós mesmos, e refletir sobre nós mesmos, numa forma de transcendência que representa ou reflete a transcendência de Deus. Falamos sobre nós mesmos”. Trata-se de um distanciamento necessário do texto para a compreensão da identidade humana. Este é o espelho da alma que a educação moderna precisa vislumbrar quando ensina, nos lares e nas escolas, sobre linguagem e línguas, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, incluindo as universidades: o reconhecimento de que somos a imagem de Deus.

Do capítulo 14 ao capítulo 19, podemos identificar a doutrina do homem em relação a Deus sendo aplicada eficazmente aos temas da queda do homem, da redenção por meio de Cristo, dos povos, culturas e línguas, dos princípios para a reconciliação cultural, dos tipos bons e ruins de diversidade e da ação humana. A parte 3 da obra é a contribuição mais audaciosa do autor do ponto de vista da Linguística Aplicada e da área de Linguística de Texto, porque o autor redefine termos para os conceitos de discurso, fala e escrita, análise e interpretação verbal, interpretação da Bíblia e o próprio conceito de gênero.

Diferentemente da Linguística Aplicada moderna, na qual há forte ênfase na discussão sobre prática e poder — ensino e políticas linguísticas —, ou da Sociolinguística, em que a variação linguística é a matriz principal da evolução da língua, a ênfase do argumento do autor está na intenção do falante e na

interpretação do ouvinte: “As expressões verbais são um tipo de ação humana. (...) Interessados na linguagem, podemos nos concentrar especificamente nas expressões verbais em meio a muitos outros tipos de ações que as cercam”. O argumento do autor é pertinente sob o ponto de vista cristocêntrico porque ele estabelece uma diferenciação entre a comunicação humana — incompleta e marcada por motivações nem sempre perceptíveis aos interactantes — e a comunicação intratrinitária, que é perfeita, harmoniosa e completa.

Outra grande contribuição do autor para a academia é a observação de que o Espírito Santo intervém na linguagem e, conseqüentemente, na comunicação: “Podemos observar vários exemplos de diversidade dentro da unidade. Considere primeiro o que acontece com a fala inspirada na Bíblia. Uma pessoa que fala no poder do Espírito Santo não está falando apenas a sua própria mente, mas também a mente do Espírito”. Observemos, portanto, a dimensão — e a interferência — espiritual no campo do estudo da linguagem. O autor faz distinção entre as palavras inspiradas por Deus, encontradas nas Escrituras, e as palavras que não são inspiradas, mas que também são abençoadas por meio do ensino das Escrituras.

O autor trouxe princípios riquíssimos retirados do campo da teologia, mas poderia ampliar a abrangência de suas análises no que diz respeito à definição — isto é, ao léxico das palavras — e à aplicação pontual das estruturas gramaticais. Especialmente porque estamos vivendo num contexto hostil à cosmovisão cristã nas várias áreas da educação e dos estudos sobre língua e linguagem.

O autor poderia ter explorado algumas aplicações práticas para os conceitos gramaticais encontrados na parte 5 da obra, como palavra, frase, fala e escrita, análise e interpretação verbal, uma vez que contextualizou muito bem, nas áreas da filosofia, da epistemologia e da teologia, a catedral da linguagem humana. Uma catedral linguística que, antes mesmo de ser construída por meio da torre de Babel — diversidade de línguas —, já era uma catedral erguida pelo próprio Criador da linguagem para a morada do Espírito, redimida por um Deus gracioso e amoroso.

Outras áreas de contribuição, na presente obra, foram a releitura do autor sobre a arte da contação de histórias, do capítulo 23 ao capítulo 29: contação de histórias, a história da redenção, histórias falsificadas de redenção, reinterpretações modernas de histórias redentoras, além de assuntos que apontam para as áreas de filosofia, cultura, teoria da tradução e teorias dos atos da fala.

O trabalho é recomendado não apenas para pais e professores de Língua Portuguesa — e de outras línguas e disciplinas —, mas também para alunos do Ensino Médio, que precisam aprender a arte de pensar e discutir sobre a integração de vários campos do conhecimento à luz das Escrituras. Trata-se de um trabalho de leitura e análise necessário para aulas fundamentadas na Educação

Redentiva. Este nobre trabalho tem um lugar especial nas discussões acadêmicas dos cursos universitários de Letras, Educação e outros cursos das faculdades, como Filosofia, por exemplo, além de ser um texto importante para várias disciplinas lecionadas em seminários teológicos.